



SINOPSE SINTIUS

Informativo do Sindicato dos Urbanitários

07/10/2021

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

Maioria das negociações fica abaixo da inflação

O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) divulgou a edição número 12 do boletim De Olho nas Negociações. Na publicação, a entidade alerta que dois terços dos reajustes com data-base em agosto, encerradas até o início de setembro, ficaram abaixo da inflação medida pelo INPC.

De acordo com a pesquisa, cerca de 48,5% das negociações não contemplaram os trabalhadores com a reposição da inflação. Enquanto isso, 33,2% garantiu a reposição. Apenas 18,2% obtiveram aumento real.

Para Rodolfo Viana, economista responsável pela subseção do Dieese no Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos e Região, esse estudo indica que uma inflação maior somada a uma atividade econômica mais fraca resulta em negociações com esses parâmetros.

“Importante destacar que, ainda que a parte econômica não tenha repostado o INPC, as Convenções e Acordos Coletivos assinados garantem uma série de outros direitos”, afirma Rodolfo.

Para ele, o bom acordo é aquele aprovado pela categoria. “Mas para além disso, tem todo o trabalho de mobilização”, avalia. Segundo o economista, a estimativa para a inflação de setembro, contemplando os últimos 12 meses, é de 9,66. “Mas pode aumentar, cair, ficar igual”, ressalta.

Metalúrgicos – Em Campanha Salarial, o Sindicato de Guarulhos e Região garantiu na última data-base a reposição integral da inflação, o que possibilitou a injeção de R\$ 87 milhões na economia local. “Neste ano, ainda que o montante seja maior, o poder de compra do trabalhador, nesse caso, será o mesmo”, acredita Rodolfo.

Saiba mais em: CNTI, quinta-feira 07 de outubro.

Indicador Antecedente de Emprego cai 3,1 pontos em setembro, a 87 pontos, diz FGV

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) caiu 3,1 pontos na passagem de agosto para setembro, para 87 pontos, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta quarta-feira. É o menor nível do índice desde maio passado, quando também ficou em 87 pontos. Em médias móveis trimestrais, o IAEmp recuou 0,2 ponto, na primeira queda após quatro altas seguidas nessa base de comparação.

O resultado negativo ainda não sugere uma reversão da tendência de recuperação, mas liga o sinal de alerta sobre o ritmo da retomada nos próximos meses. A expectativa ainda é favorável, em especial puxada pelo setor de serviços que ainda tem espaço para recuperar o que foi perdido na pandemia, mas as turbulências do ambiente macroeconômico pesam contra a continuidade da recuperação no médio e longo prazo”, diz a nota divulgada pela FGV.

Em setembro, seis dos sete componentes do IAEmp contribuíram para a queda. Segundo a FGV, o destaque foi o indicador que mede o emprego previsto para os próximos meses dos consumidores, cuja queda de 12,7 pontos em setembro ante agosto contribuiu com 1,5 ponto para a redução do indicador agregado.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quinta-feira 07 de outubro.

Vendas do comércio caem 3,1% em agosto, maior queda da série

Em um cenário de inflação alta e dificuldades no mercado de trabalho, o volume de vendas do comércio varejista do país caiu 3,1% em agosto, na comparação com julho. O dado foi divulgado nesta quarta-feira (6) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A série do comércio tem sido marcada por fortes revisões nos últimos meses. Não foi diferente desta vez. Além de divulgar o dado de agosto, o IBGE atualizou resultados anteriores.

“A pandemia retira uma estabilidade nos indicadores econômicos de uma maneira ou outra. É um fenômeno de amplitude tão grande que as estabilidades que existiam antes não voltaram pelo menos até agosto de 2021. É um movimento bastante diferente”, indicou.

Seis das oito atividades pesquisadas pelo IBGE tiveram taxas negativas em agosto, com destaque para outros artigos de uso pessoal e doméstico (-16%), a principal influência negativa no mês. Esse ramo é composto, por exemplo, pelas grandes lojas de departamento.

Após os impactos iniciais da pandemia, o comércio aposta na reabertura de lojas e no menor nível de restrições a atividades para se recuperar.

Saiba mais em: A Tribuna, quinta-feira 07 de outubro.

Nível de endividamento das famílias em SP é o maior desde 2004

A perda de poder de compra provocada pela alta da inflação, junto a um crescimento econômico que se desenha cada vez menor, tem feito o endividamento das famílias brasileiras alcançar os maiores níveis dos últimos anos.

O nível de endividamento apontado pelo indicador no mês passado foi o maior desde dezembro de 2004, quando alcançou 69,7%, e já vem em trajetória ascendente ininterrupta desde o início do ano. Foram ouvidos cerca de 2,2 mil consumidores na capital paulista para a pesquisa.

Além disso, o resultado de setembro representa um aumento de 10,7 pontos percentuais em comparação com o mesmo período do ano passado, e de 2 pontos ante agosto.

“Com a inflação subindo ao longo dos últimos 12 meses, as pessoas não conseguem mais comprar a mesma cesta de consumo e usam mais o cartão de crédito para parcelar essas compras, trazendo um alívio momentâneo e jogando as dívidas para frente”, diz Guilherme Dietze, assessor econômico da FecomercioSP.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quinta-feira 07 de outubro.

Governo Bolsonaro levou 9 milhões de brasileiros para o mapa da fome

Nos dois primeiros anos do governo Jair Bolsonaro, o mapa da fome no Brasil avançou e atingiu mais nove milhões de pessoas. O levantamento mais recente da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) indica que, agora, 19,1 milhões de pessoas se enquadram nesse perfil – o equivalente a 9% da população brasileira.

O estudo foi realizado em dezembro do ano passado, em 2.180 domicílios das cinco regiões do Brasil, tanto em áreas urbanas como rurais. A entidade também concluiu que, com a pandemia da Covid-19, cerca de 116,8 milhões estão em algum grau de insegurança alimentar (leve, moderado ou grave).

A região Norte, por sua vez, representa 14,9% das pessoas que não têm o que comer no país.

Apesar de ocupar uma parcela significativa nesse ranking, os estados nortistas abrigam apenas 7,5% da população do país.

Saiba mais em: CNTI, quinta-feira 07 de outubro.